

ESTÁGIO SUPERVISIONADO E REALIDADE ESCOLAR: EXPERIÊNCIA DE DOCENTE EM FORMAÇÃO EM ESCOLA PÚBLICA DE MARÍLIA/SP ¹

Mariana Hana Tino de Assis ²

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é parte fundamental da formação docente pois permite ao aluno de licenciatura o contato direto com o ambiente escolar, o permitindo observar seu cotidiano e suas dinâmicas. Porém, ao se restringir à observação, não propicia uma experiência e atuação crítica, ativa e significativa, tornando o estagiário em um indivíduo que passa despercebido no local e se concretiza de maneira distanciada ao não construir um espaço de aprofundamento nas relações com professores e alunos. Esta pesquisa registra a experiência obtida no segundo semestre de 2024 em uma escola de ensino básico no município de Marília/SP, com o objetivo analisar o espaço escolar e discutir as práticas pedagógicas, de modo que possamos refletir sobre os desafios do ensino de Sociologia no ensino médio, a formação docente e as relações com as juventudes.

MATERIAIS E MÉTODOS

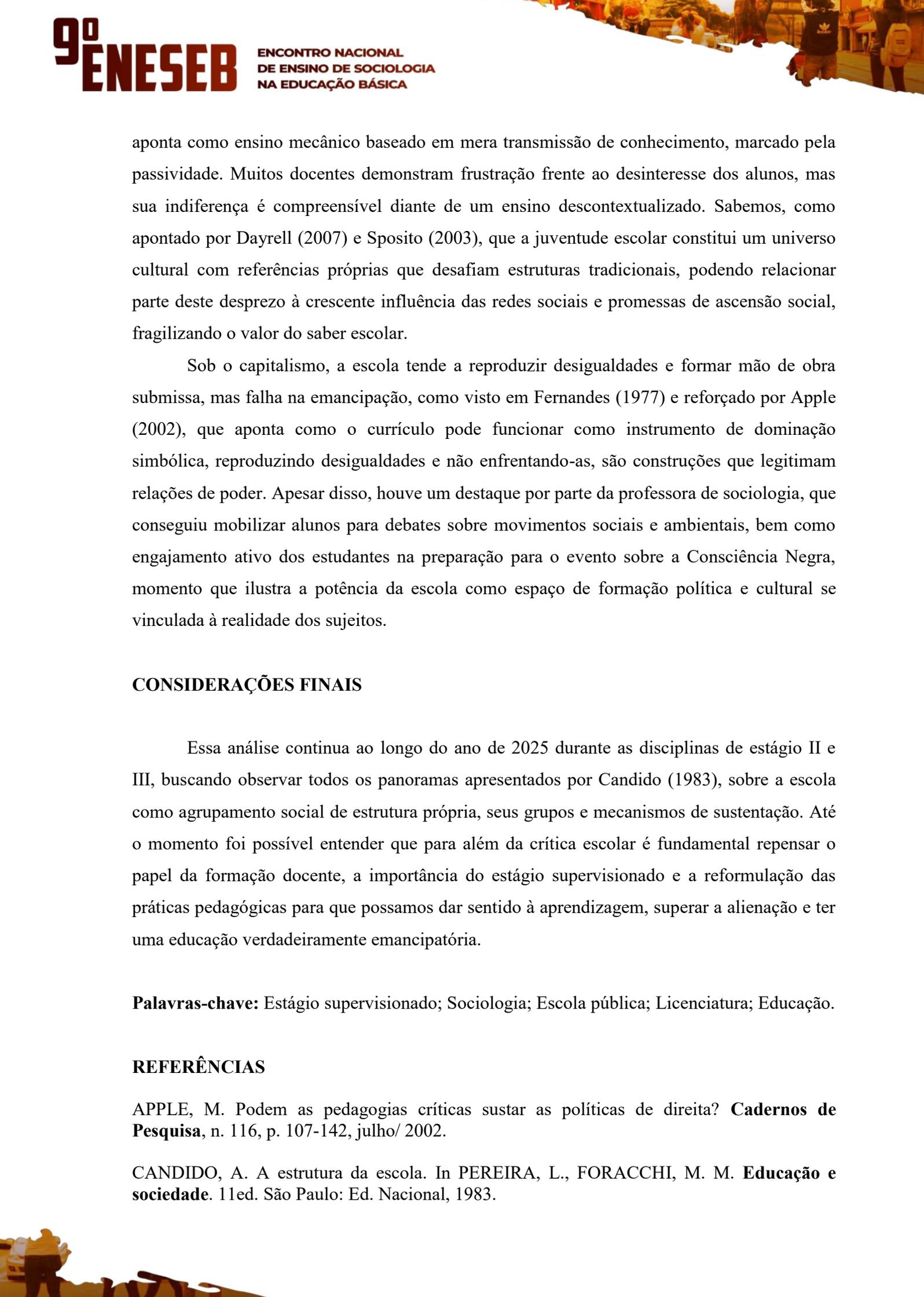
A pesquisa foi feita através do estudo bibliográfico oferecido pela disciplina e baseando-se nas observações diretas em sala de aula em diferentes matérias das ciências humanas. Todas as anotações foram sistematizadas em um caderno de campo, essencial para a análise qualitativa da dinâmica e interação escolar.

DESENVOLVIMENTO

A escola localizada na região centro-norte do município de Marília atende alunos das áreas centrais e periféricas da cidade. No primeiro contato com o ambiente observamos que todas as aulas são expositivas e apoiam-se em slides, com poucas possibilidades de mediação pedagógica e sem abertura para problematização crítica, refletindo o que Saviani (2003)

¹ Registro de experiência obtida no segundo semestre de 2024, durante a disciplina de Estágio Supervisionado I.

² Graduanda pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP/FFC, mariana.tino@unesp.br; mulher cisgênero, amarela, residente em Marília/SP.

aponta como ensino mecânico baseado em mera transmissão de conhecimento, marcado pela passividade. Muitos docentes demonstram frustração frente ao desinteresse dos alunos, mas sua indiferença é compreensível diante de um ensino descontextualizado. Sabemos, como apontado por Dayrell (2007) e Sposito (2003), que a juventude escolar constitui um universo cultural com referências próprias que desafiam estruturas tradicionais, podendo relacionar parte deste desprezo à crescente influência das redes sociais e promessas de ascensão social, fragilizando o valor do saber escolar.

Sob o capitalismo, a escola tende a reproduzir desigualdades e formar mão de obra submissa, mas falha na emancipação, como visto em Fernandes (1977) e reforçado por Apple (2002), que aponta como o currículo pode funcionar como instrumento de dominação simbólica, reproduzindo desigualdades e não enfrentando-as, são construções que legitimam relações de poder. Apesar disso, houve um destaque por parte da professora de sociologia, que conseguiu mobilizar alunos para debates sobre movimentos sociais e ambientais, bem como engajamento ativo dos estudantes na preparação para o evento sobre a Consciência Negra, momento que ilustra a potência da escola como espaço de formação política e cultural se vinculada à realidade dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa análise continua ao longo do ano de 2025 durante as disciplinas de estágio II e III, buscando observar todos os panoramas apresentados por Candido (1983), sobre a escola como agrupamento social de estrutura própria, seus grupos e mecanismos de sustentação. Até o momento foi possível entender que para além da crítica escolar é fundamental repensar o papel da formação docente, a importância do estágio supervisionado e a reformulação das práticas pedagógicas para que possamos dar sentido à aprendizagem, superar a alienação e ter uma educação verdadeiramente emancipatória.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; Sociologia; Escola pública; Licenciatura; Educação.

REFERÊNCIAS

APPLE, M. Podem as pedagogias críticas sustar as políticas de direita? **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 107-142, julho/ 2002.

CANDIDO, A. A estrutura da escola. In PEREIRA, L., FORACCHI, M. M. **Educação e sociedade**. 11ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1983.

DAYRELL, J. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

FERNANDES, F. O ensino de sociologia na escola secundária. **A sociologia no Brasil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política.** 36. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 2003.

SPOSITO, M. P. **Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola.** REVISTA USP, São Paulo, n.57, p. 210-226, março/maio 2003.